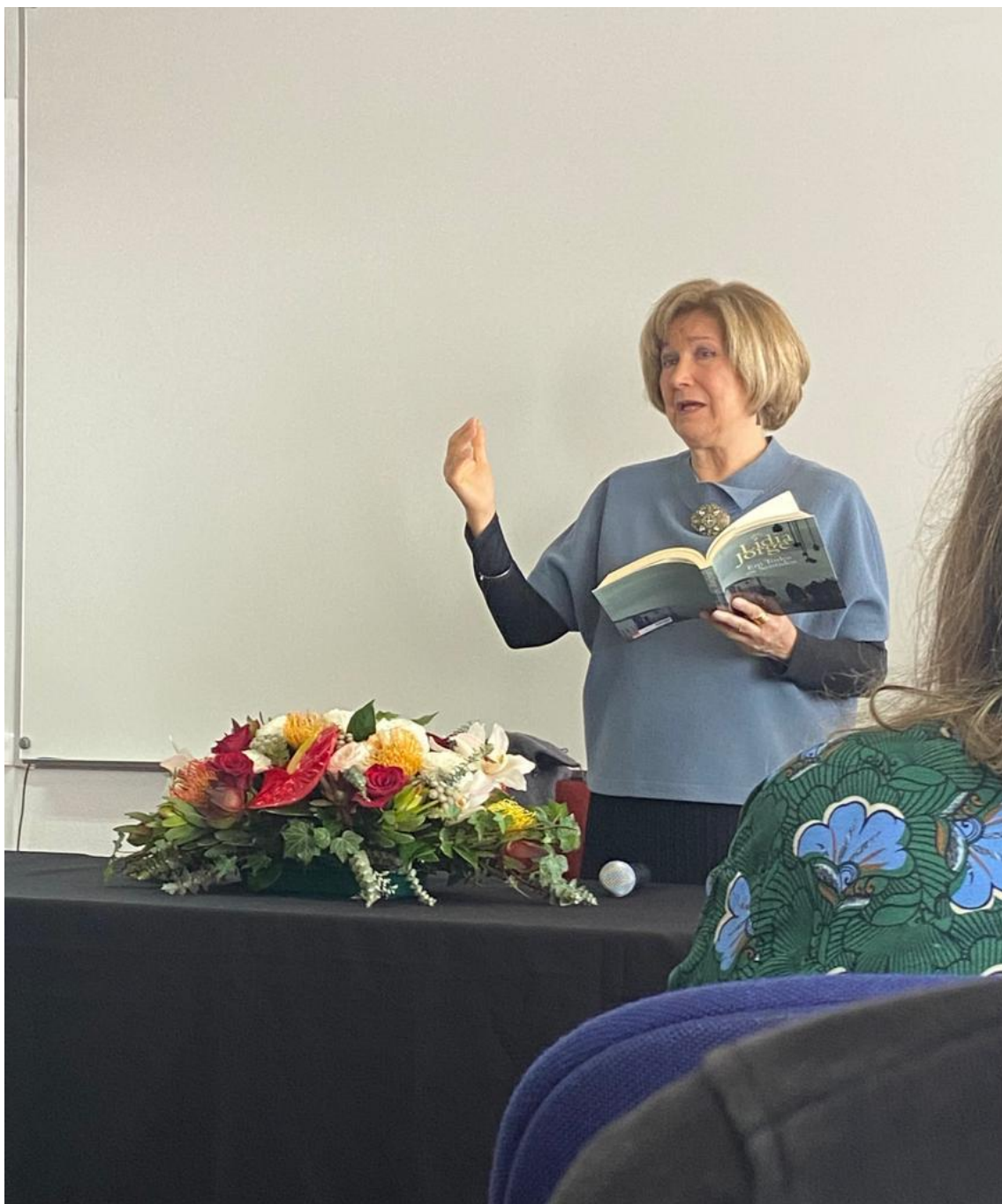
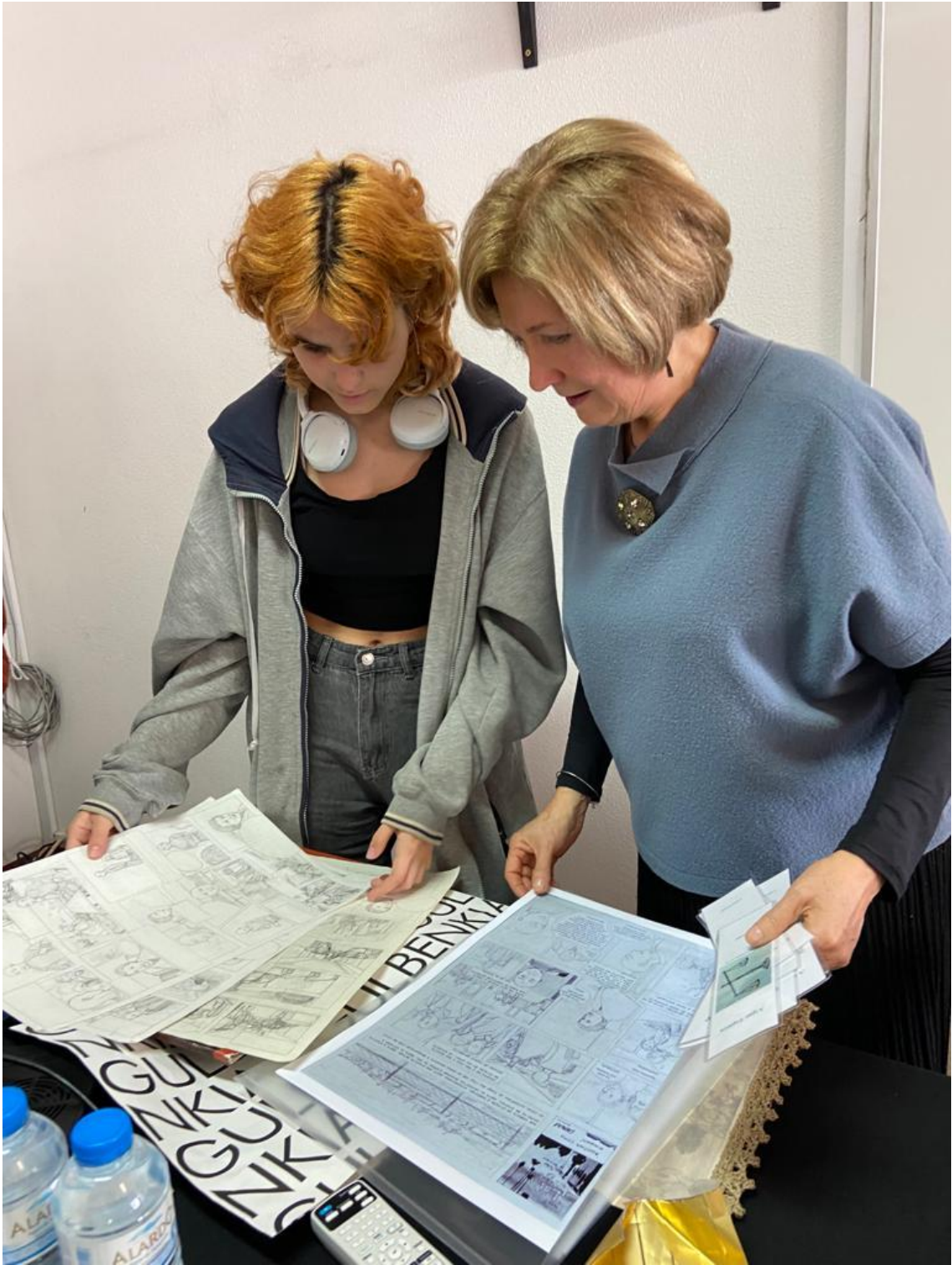


Com Lídia Jorge





Conheço o caminho da água. Se chove pouco a precipitação apenas se faz sentir em forma de humidade.



Se chove de forma intensa – quatro, cinco vezes por ano – a água desliza pelos telhados, passa pelas goteiras e vem cair em forma de jacto, formando poças a que eu atribuía o nome de lagos, quando era adolescente. A poça junto ao portão era o Lago Vitória, a poça junto à eira era o Lago Tanganica, a poça sob a romãzeira era o Lago Titicaca. Mas já antes de ter conhecimento para lhe atribuir semelhante nomes, eu gostava da água que ficava à superfície da terra, depois da chuva. Nos sulcos de lama formavam-se rios com margens, ervas eram grandes árvores, e o barco de papel era o paquete que tinha levado o meu pai.

Nos rios e mares que ficavam depois da chuva, havia transatlânticos que traziam de volta o meu pai. Mas talvez tenha sido o pesar pela escassez da chuva que me tenha feito desejá-la, e me leve ainda hoje a ouvi-la a cair com gosto das nuvens carregadas.



Quando chove, fico imóvel à espera não sei de quê. Como os primitivos: a chuva a cair sobre as telhas diz-me que existirá fertilidade na Terra. Talvez no princípio da vida eu tenha tido notícia de formas desesperadas de chamar a chuva. Esperar por ela como carente, foi jeito que me ficou. Hoje em dia, na casa do bosque, eu não sinto falta

